

REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

**DIÁLOGOS SUBLIMINARES DO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO/PRODUÇÃO DO SENTIDO TEXTUAL:
PROFICIÊNCIA EM LEITURA E EFICIÊNCIA NA ESCRITA, O
AUTOR EM EVIDÊNCIA**

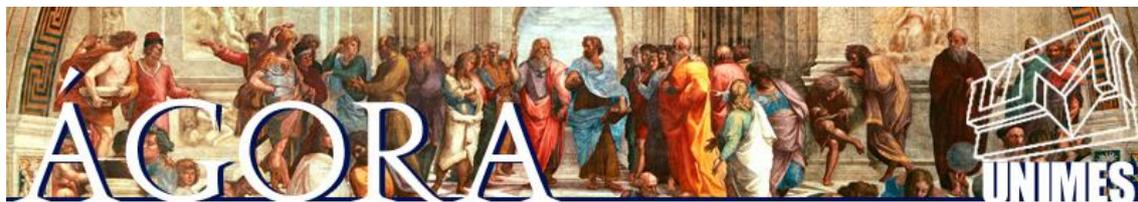
**SUBLIMINAL DIALOGUE PROCESS OF CONSTRUCTION /
DIRECTION TEXTUAL PRODUCTION: PROFICIENCY IN
READING AND EFFICIENCY IN WRITING, THE AUTHOR IN
EVIDENCE**

Paula Renata Bertho¹

*A linguagem / na ponta da língua
tão fácil de falar / e de entender.
A linguagem / na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?...
[Drummond]*

RESUMO: Os mais diferentes indicadores que retratam o sucesso em leitura e em escrita dos estudantes brasileiros nos põem, inevitável e invariavelmente, diante de amplos e desastrosos impactos de ordem socioeconômica e cultural. Quando, para a construção sólida de uma pátria, a qualificação de seu povo – com perspectivas que constituam seus indivíduos verdadeiros cidadãos – é fator determinante, nos deparamos atualmente com um declarado abismo de contrastes e barreiras que arruinam sonhos e expõem graves limitações. Considerando que, nos dias de hoje, o comportamento humano pode ser regulado pela capacidade de leitura/escrita nos mais diversos domínios da convivência humana, habilitar pessoas para o papel de sujeitos sociais – com desenvoltura e segurança – envolve um conjunto de ações que as revistam, basicamente, de competência comunicativa eficaz, de tal forma que sejam capazes de exercer com sucesso intervenções leitoras, bem como aplicar a expressão escrita com habilidade nas mais diferentes situações do seu cotidiano. Investido de competência expressiva, o

¹ Possui graduação e mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente na Educação Superior, ministrando aulas de Comunicação e de Língua Portuguesa, bem como de Língua Estrangeira (Espanhol), para graduações em Administração, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia de Produção, Letras, Tradutor. Atuação como Coordenadora de Curso de graduação e como Coordenadora de CPA. Atuação, também, em escolas da rede estadual paulista, nos sistemas de ensino Anglo, Objetivo e Etapa, além do SENAI, unidade de Pompeia/SP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística Textual, atuando sob os seguintes temas: ensino da língua portuguesa, comunicação escrita e expressividade, leitura e produção textual; semântica e estilística. Atua também no mercado editorial na organização de originais e revisões de livros.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

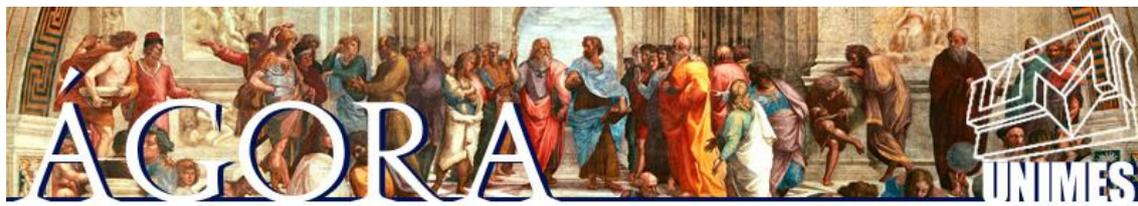
Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

homem age sobre o mundo, explicando-o, formulando hipóteses, articulando o pensamento de forma mais complexa, recriando, enfim, a realidade. A escrita, então, permite elaborar representações, resultantes da ação de pensar o mundo e de agir sobre ele, com a intenção de transformá-lo. Para isso, é necessário atentar para o ponto de encontro do autor com seu próprio texto; o autor do texto tem uma intervenção múltipla: atuando como escritor ativo, deve ser também o primeiro leitor (de seu texto; um leitor interno), como também o reescritor; no processo de ordenação das ideias, de organização escrita, o autor que se projeta como leitor de sua escrita pode aparar as arestas e as fragilidades de expressão que o texto, ao ser tomado em leitura por um leitor externo, pode revelar. Dificilmente um texto ganha forma na primeira situação em que as palavras são lançadas no papel; pensando a partir desse horizonte de possibilidades, a refeitura faz com que o autor se fixe não apenas no resultado obtido, mas também nas transformações que deve efetuar e isso o ajudará a perceber que a escrita é realmente um processo, um procedimento a ser desenvolvido em etapas.

PALAVRAS-CHAVE: proficiência em leitura; eficiência na escrita; escritor ativo; leitor interno.

ABSTRACT: The more different indicators that show success in reading and writing of Brazilian students put us inevitably and invariably before large and disastrous impacts of socioeconomic and cultural order. When, for solid construction of a homeland, the qualification of its people – with prospects that constitute his true citizens individuals – is a determining factor in the currently come across an abyss stated contrasts and barriers that ruin dreams and expose serious limitations. Whereas that, today, human behavior can be regulated by readability / writing in various fields of human society, to enable people to the role of social subjects - with ease and security - involves a set of actions that clothe basically effective communication skills, so that they are able to exercise successfully readers interventions and apply the written expression with skill in many different situations of everyday life. Invested with expressive power, the man acts on the world, explaining it, formulating hypotheses, articulating the thought of more complex form, recreating, in short, the reality. Writing then allows elaborate representations, resulting from the action of thinking about the world and act on it, with the intention of turning it. For this, it is necessary to consider the author's meeting point with your own text; the author of the text has a multiple intervention: acting as an active writer, also should be the first reader (your text, an internal reader), as well as the rewriter; in the process of ordering of ideas, writing organization, the author who is projected as a writing reader can trim the edges and weaknesses expression text, to be taken in reading by an external reader, can reveal. Hardly a text takes shape in the first situation in which words are recorded on paper; thinking from that horizon of possibilities, the refeitura causes the author to secure not only the result but also the changes that should make and it will help you realize that writing is really a process, a procedure to be developed in steps.

KEYWORDS: reading proficiency; writing efficiency; active writer; internal reader



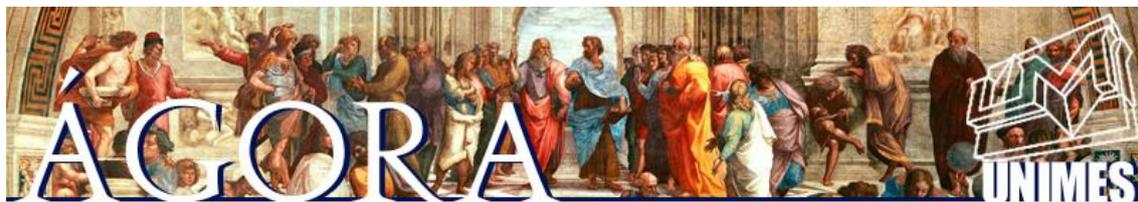
CONTORNOS DA LEITURA E DA ESCRITA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Existe um grande desafio a ser vencido pela sociedade por inteiro: se uma sociedade quer hoje, no romper do terceiro milênio, participar plenamente de um mundo dominado por mudanças científicas, econômicas, culturais, artísticas, etc., é necessário que uma parte apreciável de sua população desenvolva uma competência textual que lhe permita apresentar suas ideias de uma forma clara aos receptores eventuais. Não se trata de um simples problema de “norma textual”, que seria imposta através do ensino repressivo. Trata-se antes de uma escolha da sociedade. (ALVAREZ, 1992)

Em sua tarefa de promover a paz mundial, por meio da cultura, da educação, da comunicação, das ciências naturais e das ciências sociais, com investimentos em formulação e operacionalização de políticas públicas, a UNESCO (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas) reconhece como analfabeto funcional todo aquele que sabe escrever seu próprio nome, ler e escrever frases simples, efetuar cálculos básicos, ainda que não demonstre competência para interpretar o que leu, empregando a leitura e a escrita em atividades cotidianas. Em outras palavras, analfabeto funcional, para a UNESCO, é, pois, todo indivíduo que não consegue extrair o sentido das palavras nem utilizar a escrita para colocar ideias no papel.

No Brasil, o índice de analfabetismo funcional é medido entre as pessoas com mais de vinte anos que não completaram o mínimo de quatro anos de estudos formais. Essa parametrização, no entanto, não chega a ser enfaticamente expressa, estando sujeita a variações territoriais; na Polônia e no Canadá, por exemplo, é considerado analfabeto funcional aquele que possuir menos de oito anos de escolaridade.

Já de acordo com o Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2015, divulgado recentemente, ainda existem 781 milhões de adultos não alfabetizados no mundo todo, sendo que, destes, mais de 1/3 não têm acesso ao conhecimento impresso nem às novas tecnologias que poderiam melhorar sua qualidade de vida, ajudando-os a se adaptarem às constantes mudanças sociais e culturais. Ainda sobre esse levantamento, o estudo localizou o Brasil como a oitava maior população de



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

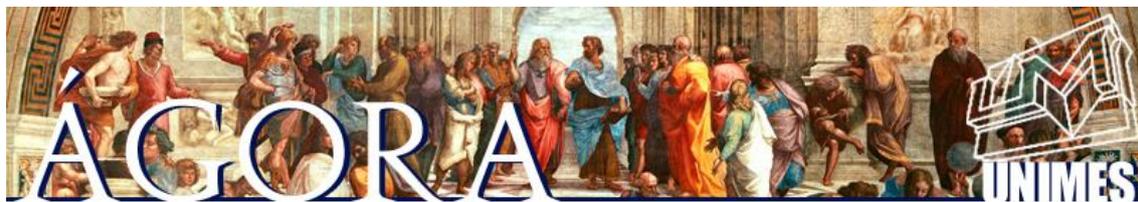
Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

adultos analfabetos, totalizando quase 14 milhões de pessoas nessa condição, resultados esses naturalmente longe daquilo que se poderia considerar ideal.

Em razão dos amplos e desastrosos impactos provocados por esse tema, as fontes diagnósticas costumam ser reiteradamente multiplicadas. Com isso, outra delas é o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) do Instituto Paulo Montenegro (IPM) e da ONG Ação Educativa, com o apoio do Grupo IBOPE. Essa pesquisa estimou que, no Brasil, embora o percentual da população alfabetizada funcionalmente tenha saído de 61%, em 2001, para 73%, em 2011, desse montante de alfabetizados funcionalmente em 2011, 75% das pessoas entre 15 e 64 anos não conseguiam ler, escrever e calcular plenamente; em outras palavras, de cada quatro brasileiros da faixa etária pesquisada, apenas um era capaz de ler, escrever e utilizar essas habilidades para continuar aprendendo. Importante registrar, além disso, que o destacado número apurado inclui os 67% da população considerada de analfabetos funcionais acrescida de outros 8% que são identificados como analfabetos absolutos, ou seja, sem qualquer habilidade de leitura ou escrita.

Ainda sobre o INAF/2011, ao se levar em conta apenas a população de jovens, o presente drama do analfabetismo funcional inquieta além da normalidade: 38% daqueles que estudaram até o final do ensino médio não possuem plena capacidade de leitura e escrita, isto é, são ainda analfabetos (1%), alfabetizados rudimentares (5%) e alfabetizados de nível básico (32%). Um retrato do domínio da leitura e da escrita (letramento) da população brasileira evidencia, assim, que o analfabetismo funcional persiste e de forma impactante entre os jovens brasileiros, e um olhar mais demorado desses índices junto àqueles com idade entre 15 e 24 anos é imprescindível, uma vez que são eles que estão ocupando as carteiras escolares ou as ocuparam recentemente, sendo frutos diretos do trabalho desenvolvido atualmente nas escolas brasileiras.

Por outro lado, esse indicador também nos leva a observar que as experiências escolares ricas e desafiadoras, que fazem os estudantes avançarem em habilidades e conhecimentos, ainda se mostram questionáveis, pois, mesmo que o número de analfabetos absolutos tenha caído, os leitores críticos, que deveriam ser os alfabetizados plenamente (isto é, aqueles capazes de ler e interpretar textos longos, relacionando suas



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

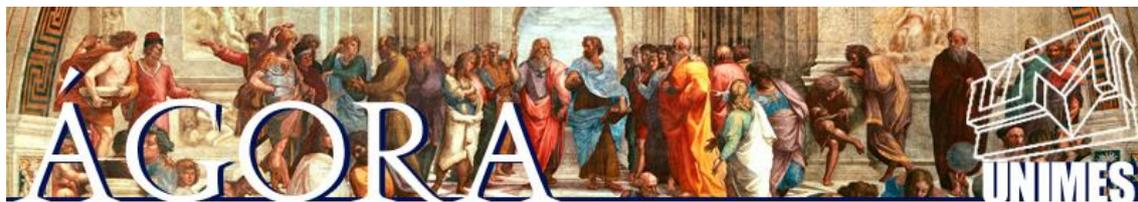
partes, comparando e interpretando informações, distinguindo fato de opinião, realizando inferências e sínteses), pouco aumentam; em quase uma década de índices medidos pelo IPM, infelizmente quase não houve uma evolução em termos de qualidade do indicativo investigado.

Sinteticamente, o estudo considera que, de modo geral, os jovens estudantes de hoje frequentam a escola, mas têm sérias dificuldades para compreender mesmo os textos curtos, localizando informações, inclusive aquelas mais explícitas; a percepção/compreensão do que observam ou produzem é limitada e compromete essencialmente seu desenvolvimento humano, enquanto indivíduo, profissional e cidadão.

Dados de 2012 referentes ao *Programme for International Student Assessment* (o PISA, também conhecido como Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) igualmente revelaram que o Brasil, apesar de avanços, ocupa apenas a 58º posição de uma lista de 65 países avaliados. Resumidamente sobre esse ranking educacional: em matemática, o Brasil ficou em 58º lugar; na prova de leitura, em 55º; e, em ciência, o país está em 59º no ranking.

Sobre tais indicadores, importante não deixar de considerar a essência do PISA: trata-se de um programa desenvolvido e coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), organismo internacional que procura fornecer uma plataforma para melhorar as políticas econômicas e os resultados educacionais.

Logo, em torno desse declarado abismo que atinge fundamentalmente o desenvolvimento cognitivo, dos contrastes e das barreiras culturais que evidentemente arruinam sonhos e expõem graves limitações de ordem socioeconômica, há, portanto, uma preocupação, em paralelo, com foco no comprometimento da produção/produktividade. Mais ainda: em raciocínio análogo, somente valorizando a educação, será possível vislumbrar o tão almejado e, hoje, bravateado, crescimento sólido e plural de uma nação. Afora ideais românticos, a construção de um país com oportunidades para todos depende realmente de um alicerce firme pautado no conhecimento. E esse é, visualmente, um dos maiores nós atuais de nossa nação.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

FORMANDO CIDADÃOS COM COMPETÊNCIA ESCRITA

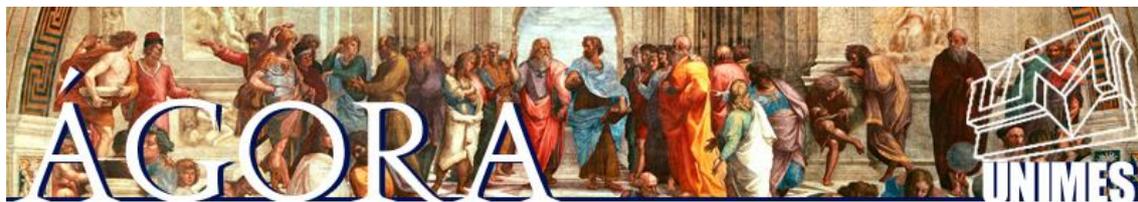
[...] adquirir linguagem, desenvolver e estruturar a competência comunicativa significa integração atuante e crítica na práxis social, pois que é na linguagem que o homem se assume, se define, se situa perante o mundo e perante os outros homens e continuamente atua sobre eles. (FONSECA, 1994)

Sob esse prisma e diante das diversas fragilidades ora atualizadas, oportuno ponderar que, para a construção sólida de uma pátria, a qualificação de seu povo – com perspectivas que constituam seus indivíduos verdadeiros cidadãos – é determinante.

Nessas condições, habilitar pessoas para exercerem seu papel de sujeitos sociais – com desenvoltura e segurança – envolve, pois, em concordância com os nossos pressupostos, um conjunto de ações que as revistam, basicamente, de competência comunicativa eficaz, de tal forma que sejam capazes de exercer com sucesso intervenções leitoras, bem como aplicar a expressão escrita com habilidade nas mais diferentes situações do seu cotidiano.

A escrita, em meio às sociedades letradas, entrelaça as complexas relações sociais e as práticas culturais; por isso, nos dias de hoje, o comportamento humano se regula pela capacidade de leitura/escrita nos mais diversos domínios da convivência humana. Considerada como direito de todos os cidadãos, investido de competência expressiva, o homem age sobre o mundo, explicando-o, formulando hipóteses, articulando o pensamento de forma mais complexa, recriando, enfim, a realidade. A escrita, assim, não aborda apenas questões concretas relacionadas à vida cotidiana, mas permite elaborar representações, resultantes da ação de pensar o mundo e de agir sobre ele, com a intenção de transformá-lo.

Assim, nos curvando à respeitável valia infundida no domínio de tal competência expressiva, este texto se dedicará a discutir aspectos pelos quais, no ato da escrita (e igualmente da leitura), é importante atentar, necessariamente, para o *rendez-vous* do autor com seu próprio texto; afinal, para melhor sopesarmos os meandros da eficiência na escrita e da proficiência leitora, é indissolúvel a colaboração existente entre autor ativo, leitor interno e o processo de interação com o texto.



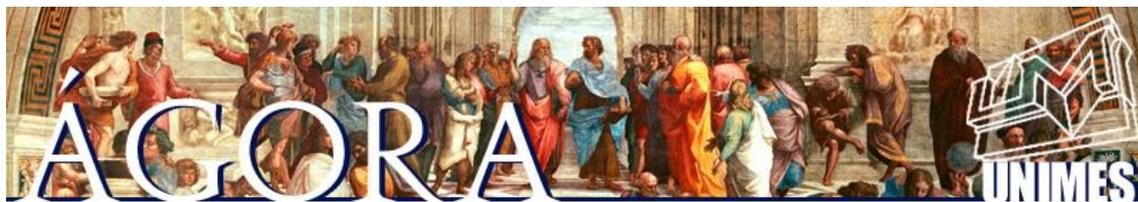
Considerar que o autor do texto seja representado numa figura múltipla, isto é, tanto na figura de escritor ativo quanto se portando como o primeiro leitor (de sua produção; um leitor interno) e, em seguida, também como inevitável reescritor, é exercício primordial; ambos os papéis – autor e leitor interno/imediato – devem estar definitivamente atuantes no momento da organização escrita. Dito de outra forma: pretendemos discutir o ato de escrever como uma ação dinâmica, dialógica, permeada por uma espécie de diálogo interior do autor consigo mesmo, em nível suficiente para oferecer tanto quanto mais êxito à expressão quando materializada em texto.

Mais: com foco nessa maturidade expressiva, a atuação do escritor (considerado aqui como qualquer pessoa que se proponha a elaborar um texto escrito), empenhada em observar mais detidamente seus próprios textos, para além de releituras exclusivamente dadas à correção gramatical, é uma prática que possibilitará o desenvolvimento de potencialidades da língua, aguçando o senso crítico e levando à necessária reflexão sobre o próprio ato de escrever; reler o próprio texto produzido é, desse modo, um momento fundamental do processo de ordenação das ideias. Dificilmente um texto ganha forma na primeira situação em que as palavras são lançadas no papel; pensando a partir desse horizonte de possibilidades, a refeitura faz com que o autor se fixe não apenas no resultado obtido, mas também nas transformações que deve efetuar e isso o ajudará a perceber que a escrita é realmente um processo, um procedimento a ser desenvolvido em etapas.

LER MAIS PARA ESCREVER MELHOR

Os indivíduos de um determinado grupo social comunicam-se pela parte comum de seus respectivos códigos. Isso implica que uma mensagem que procura atingir o maior número possível de indivíduos compõe-se dos elementos comuns à maioria deles. (VANOYE, 2007)

Os seres humanos são, por natureza e definição científica, indivíduos gregários e seres que têm necessidade imperiosa de estar em sociedade e de se comunicarem nessa coletividade. E comunicação significa, literalmente, “pôr em comum”, dividir algo com



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

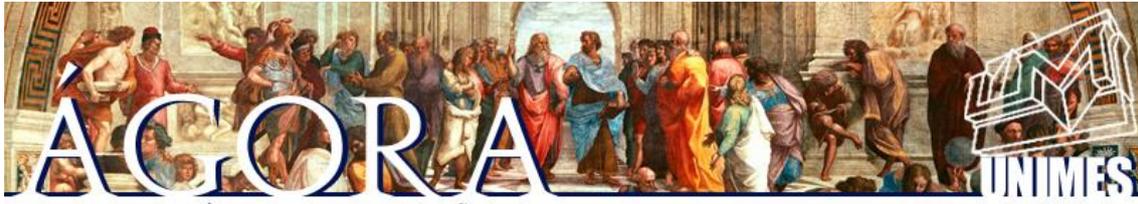
alguém: dividir ideias, pensamentos ou sentimentos com o outro; enfim, interagir, produzindo ações recíprocas.

Atentando pontualmente para os modos de concretização dessas trocas, encontraremos, na sistematização comunicativa, a íntima e contínua relação entre leitura e escrita.

Contudo, o primeiro entrave para os bons frutos dessa colaboração mútua deparam-se com as experiências ora vividas nas instituições escolares, que ainda ocorrem centradas em práticas tradicionalistas que em nada contribuem para o crescimento dos estudantes/cidadãos enquanto leitores/autores; nelas, lamentavelmente, os leitores(externos)/escritores(ativos), de modo geral, seguem presos a atividades verticalizadas, leituras prontas, preestabelecidas, e quase não conseguem, ou não são instigados, a atribuir significados mais ampliados aos textos ou a refletir sobre o processo de escrita.

Coexistindo para além da decodificação de palavras e de significados exclusivamente orquestrados em nível textual, a intervenção no texto – pela leitura – reclama, no âmbito escolar, uma abertura a um status mais abrangente, de integração em benefício da (res)significação: ação laboriosa que possibilita fisgar os mais diferentes ângulos frequentemente contidos na interação autor(ativo)-texto-leitor(interno)-texto-leitor(externo).

Com isso, a eficiência das ações de leitura-escrita, cada vez mais, acabam sendo alvo de análises, debates e de críticas, não raro bastante contundentes. Chiappini (2002), de sua parte, reincide o olhar em torno da percepção de que o aluno/autor deve ser o sujeito do processo de leitura e não um mero receptor de mensagens. Para a autora, permitir ao aluno – autor(ativo)/leitor(interno)/leitor(externo) – construir os sentidos do texto faz com que ele seja capaz de extrapolar os limites de um texto, incorporando-o ao seu conhecimento, de modo que lhe seja possível compreender melhor o mundo que o envolve, assim como os demais sujeitos sociais. As experiências escolares, conseqüentemente, mais do que ensinar a ler e a escrever, deveriam, antes, estar preocupadas em desejar formar cidadãos, sujeitos leitores e escritores.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

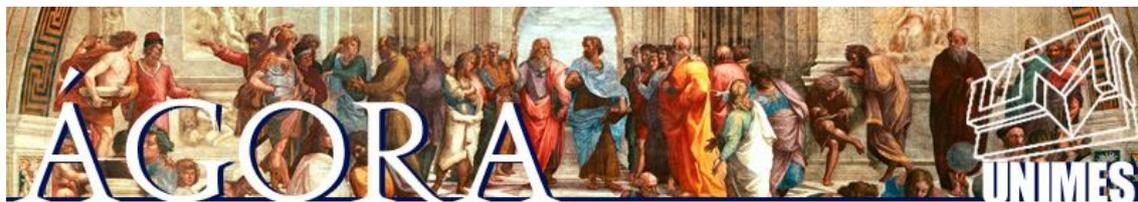
Todo autor necessita estar consciente de que a reflexão sobre a escrita – derivada da ação de se buscar, assiduamente, ser o primeiro leitor do próprio texto – tem em seu propósito, sobretudo, o esforço por se fazer entender com mais qualidade, pois “o coração da legibilidade é a relação estabelecida com o leitor, sendo a clareza o elemento essencial dessa relação” (KOCK, 2008).

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2009)

A força da linguagem no processo de produção do sentido textual envolve um movimento tal que, não raro, admite expressar a não coincidência do sentido do dizer entre autor e leitor; logo, para se atingir a eficiência na escrita, indispensável trabalhar a construção sugerida no laço anterior, representado pela ponte.

A leitura como um processo interativo, leva o leitor a utilizar diferentes níveis de conhecimento para permitir que ocorra a comunicação; por outro lado, em sendo a leitura o produto da ação articulatória do autor, este último tem em si a responsabilidade de mobilizar os mais diferentes recursos e as informações que lhe forem convenientes para conduzir efetivamente uma explanação plausível. A esse respeito, Kleiman (2005) salienta que os níveis de conhecimento compõem o chamado conhecimento prévio e enfoca, intencionalmente, na necessidade de trabalhá-los no processo de busca do sentido textual.

Ler enreda, então, mais do que compreender – a leitura é prazer para os sentidos e abstração do mundo dos sentidos; é experiência individual e evento social e coletivo; fazem parte dela tanto o entendido como os males entendidos. E, por isso, este texto traz uma perspectiva parcial do complexo processo comunicativo.



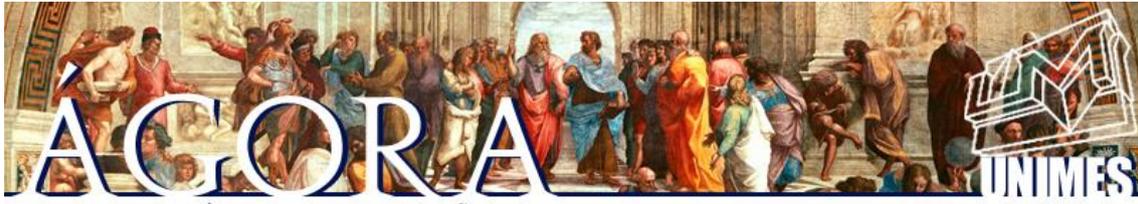
AINDA SOBRE QUANDO TUDO COMEÇA

Muitos de nós, autores/leitores/cidadãos, já fomos obrigados a ler por pessoas imbuídas de boa vontade, nossos professores, que, por sua vez, foram obrigados a nos cobrar essas leituras. E esse dever recaiu, certamente, sobre clássicos; por exemplo, Machado de Assis (com *Dom Casmurro*), José de Alencar (*Iracema*), Graciliano Ramos (*Vidas Secas*), Aluísio de Azevedo (*O Cortiço*), Guimarães Rosa (*Sagarana*) e sobre muitos outros autores e títulos. A lista é extensa.

Resultado dessa tarefa – tantas vezes encarada como árdua da parte dos estudantes: a obrigação quase sempre redundou no oposto do que se desejava. O ato de ler tornou-se talvez um dever desconfortável e maçante, nada atraente. E o livro, não raro, converteu-se em símbolo de constrangimento, antipatia e fracasso. A educação formal gerou analfabetos funcionais que, nas palavras de Mario Quintana, “são os que aprenderam a ler e não leem”. E completamos: são aqueles que aprenderam a escrever e não escrevem; são, por vezes e vezes, aqueles que pensam superficialmente, com menos clareza e menor amplitude. Na escola, na faculdade, a obrigação ainda se faz valer, mas a prática demonstra que essa obrigatoriedade converte-se, mais tarde, em afastamentos e indiferença para com a importância da leitura como pressuposto para a eficiência na escrita. E a leitura fica encarada como perda de tempo.

E nós, professores, acabamos aceitando o papel de quem obriga, e o seguimos desempenhando com as melhores das intenções. Ansiamos fazer entender aos adolescentes, aos jovens e mesmo aos adultos que o hábito de ler é meio caminho andado para uma pessoa ser intelectual e socialmente saudável e, em todas as áreas, um profissional melhor, mais bem preparado para o mundo e o mercado de trabalho.

No entanto, muitos daqueles que alcançam e concluem o ensino médio ou o curso superior permanecem alheios ou, o que é pior, avessos aos livros e seus benefícios. Para o restante da vida, apenas dedicar-se-ão à leitura “de vez em quando”,



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

diante de uma necessidade instalada, atentando para textos em que o interesse imediato pelo assunto seja o bastante para superar a barreira quase física imposta pela ação cognitiva, sofrível e limitada para atuar em textos realmente mais exigentes e substanciais.

Há inúmeros caminhos para o desenvolvimento intelectual, sempre tendo em vista o aprimoramento humanístico do ser humano. E essa melhoria, de um modo ou de outro, irá se manifestar em nossas opiniões, em nossas interpretações, em nossas palavras, em nosso modo de agir, em nossos textos, enfim. Ler estimula o raciocínio, potencializa nossa capacidade de abordar tantos temas e aspectos da existência, bem como entender nosso próprio estar-no-mundo.

Com relação aos textos escritos, as evidências extraídas das relações sociais (mensagens e e-mails, por exemplo) e profissionais (sobretudo, documentos em geral e redações escolares) se multiplicam e nos revelam que há muito que consertar. Chega a ser incontável o número daqueles que se sentem indecisos, esvaziados de conteúdo e inseguros no momento de redigir. E, sem dúvida, sofrem bastante com isso.

Por outro lado, pouco nos ajuda reclamarmos da sociedade consumista e alienante, censurarmos a soberania do entretenimento em detrimento do labor, lamentarmos os baixos indicadores educacionais, ameaçarmos os alunos desinteressados e descomprometidos, recriminarmos toda tecnologia ao alcance de um “click”, torcermos o nariz diante dos conteúdos da Internet que a maioria dos alunos adora, condenarmos certos produtos televisivos... isso tudo não abre caminhos para índices mais respeitáveis em termos de leitura, tampouco para a tão ansiada melhoria nas atividades escritas.

Estejamos mais ou menos indignados sim, pois, infelizmente, não conhecemos a fórmula mágica de fazer do Brasil um país de leitores, vencendo os humilhantes níveis de leitura da população. Mas saibamos também que é possível equalizar esse beco sem saída, proporcionando que dele escapem os próprios interessados, desde que invistam, de forma definitiva, no autoaperfeiçoamento intelectual, na autoeducação à leitura constante, inventiva, apaixonada e, posteriormente, na árdua empreitada de escrever



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

textos, estando dispostos e conscientes de seu papel enquanto autores, constituindo-se intimamente como primeiros leitores do seu material, dedicando-se à refeitura do próprio texto tantas quantas forem as vezes necessárias para se conquistar a qualidade na comunicação escrita.

Acomodação mental gera acomodação existencial, que, de seu lado, dentre outras consequências contraproducentes, provoca acomodação argumentativa. E ler e escrever são formas de representação que nos facultam trabalhar nossas experiências, nossas interioridades, nossas leituras e interpretações em suas inúmeras dimensões. Ler e escrever são viver.

A INTERAÇÃO: AUTOR-TEXTO-LEITOR

Se leitura é concebida como “uma atividade de produção de sentido”, para sua concretização, fica reforçado o papel do leitor enquanto construtor de sentido, utilizando-se, para tanto, de estratégias textuais. Se, sob uma face, se faz necessário considerar a materialidade linguística do texto, elemento sobre o qual e a partir do qual se constitui a interação, em outra face, é preciso também levar em conta as subjetividades do autor e o modo como ele organiza suas ideias.

Portanto, à compreensão do que é um texto subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso da interação.

Para ilustrar essa afirmação tem-se recorrido com frequência à metáfora do *iceberg*: como este, todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, fazem-se necessários o recurso aos vários sistemas de conhecimentos e a ativação de processos e estratégias cognitivas interacionais. (KOCH, 2010)

É por essa razão que ouvimos muito sobre “um” sentido para o texto e não “o sentido do texto”, pois leitura resulta sendo um lugar social, de vivências, de relações com o outro (Paulino, 2001). Com isso, ao atingir a interface, enquanto leitor externo,



considerando o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro, implica aceitar, externamente, uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto.

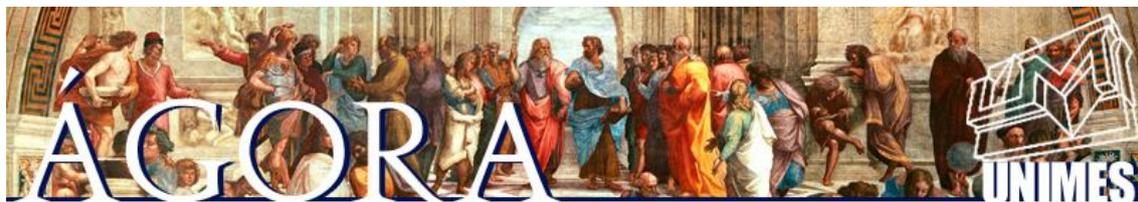
Mais ainda: dadas essas possíveis e frequentes intempéries do processo comunicativo, é que enfatizamos o quanto a participação e a responsabilidade do autor – na elaboração do texto e, depois, se colocando, de antemão, como primeiro leitor do seu escrito (o leitor interno) – constitui ação fundamental para que o quociente entre o universo das ideias e o texto final seja o sucesso comunicativo.

No autor está o coração da atuação comunicativa: ao autor é atribuída a tarefa de ordenar e promover o texto, provendo-o de sentido; é ele quem estruturará, fundamentará o pensamento/o assunto/a informação, produzindo clareza e conduzindo à coerência da escrita.

A coerência teria a ver com a “boa formação” do texto, mas num sentido que não tem nada a ver com qualquer ideia assemelhada à noção de gramaticalidade usada no nível da frase, sendo mais ligada, talvez, a uma boa formação em termos da interlocução comunicativa. Portanto, a coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto. Assim, ela pode ser vista também como ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor do texto (que o interpreta para compreendê-lo) tem para calcular o seu sentido. A coerência seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação, Essa unidade é sempre apresentada como uma unidade de sentido no texto, o que caracteriza a coerência como global, isto é, referente ao texto como um todo.

A coerência é vista também como uma continuidade de sentidos perceptível no texto, resultando numa conexão conceitual cognitiva entre elementos do texto. Essa conexão não é apenas de tipo lógico e depende de fatores socioculturais diversos, devendo ser vista não só como o resultado de processos cognitivos, operantes entre os usuários, mas também de fatores interpessoais como as formas de influência do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores, enfim, tudo o que se possa ligar a uma dimensão pragmática da coerência. Os processos cognitivos caracterizam a coerência à medida que possibilitam criar um mundo textual em face do conhecimento de mundo registrado na memória, o que levaria à compreensão do texto.

Como se percebe, a coerência é, ao mesmo tempo, semântica e pragmática. (KOCH e TRAVAGLIA, 2011)



Nesse sentido, convém, ainda, apreciar mais detalhadamente outros aspectos da exposição escrita: particularmente, o contexto psíquico, as condições psicológicas características e implícitas ao desenvolvimento comunicativo.

Oportuno ressaltar que, ao redigir, não há diante do autor a definição de um leitor (externo) concreto. E esta é uma situação, sem dúvida, artificial dentro das leis naturais da comunicação linguística, porque, como seres comunicativos que somos, ao usarmos a linguagem, sentimos instintivamente a necessidade da presença de alguém a quem nos dirigir. Quando apenas “falamos ao papel”, é um estímulo que nos falta e a efetivação expressiva corre o risco de manifestar-se deficiente; a ausência de um leitor determinado – tanto quanto mais previsível – pode levar o autor à incompletude do sentido textual.

Por isso, reiteramos: independentemente de a exposição escrita ser do tipo *lato* ou *stricto sensu*, imprescindível que o autor condense com igual tenacidade a tarefa de se realizar como o primeiro leitor (interno) de sua produção. Afinal, dotado de competência para tanto, enquanto tal, a este é previsto e autorizado mediar a interlocução preambular, projetando-se como leitor de sua escrita para nela aparar as arestas e as fragilidades de expressão que o texto, ao ser tomado em leitura por um leitor externo, pode revelar.

Se partirmos dessa premissa – a necessidade de revisão da escrita, ao ser constituído como leitor (interno) inicial e privilegiado o próprio autor do texto –, a produção do sentido resultante do encaixe das ideias tenderá a ser tanto quanto mais precisa e eficiente.

Debruçam-se, assim, duas faces de um mesmo indivíduo – a face que produz o texto concomitante àquela que autorregula esse mesmo produtor. É um escritor-ativo e de um leitor-interno e, nesse encontro, trava-se instigante diálogo entre duas posições de um mesmo sujeito: o escritor e o leitor – mas não o leitor potencial, virtual, aquele, ausente, externo, para quem se destina um texto; antes, uma interlocução primeira do autor em si mesmo, com seu “eu” e suas impressões interiores, que o vão cingindo, singrando, balizando e acompanhando no mesmo ritmo do desfiar e deslindar da escrita.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

O texto escrito transborda, dessa forma, em resultado de uma co-ação, o produto da atuação ininterrupta e alternada de um ser que “escreve, lê e (re)escreve”; aquele que articula como “autor/co-autor” do próprio texto.

Da percepção dessa face, paradoxalmente, bifurcada e convergente, centrada no autor do texto, despontam traços que se compõem e recompõem, emprestando à dinâmica da construção textual uma iluminação e um matiz que revestem a escrita da prerrogativa de atividade dialógica, interativa, predicando dois momentos num processo simultâneo.

Importante, mais uma vez, salientar o quanto o autor do texto é personagem basilar na constituição da comunicação escrita: é ele quem congrega possibilidades, orchestra elementos dentro de uma mesma sinfonia, reverbera perspectivas, dotando o conjunto expressivo de compasso, coordenação, unidade e harmonia.

PLURALIDADE DE LEITURAS E SENTIDOS NA SUPERFÍCIE TEXTUAL

O prazer de ler, escrever e pensar potencializa o ser humano. Ler é ação que apenas nos melhora se pensamos; escrever somente significa pensamento se representa também uma leitura do mundo. É nesse viés que se equaciona o processo comunicativo escrito.

Texto é unidade linguística comunicativa fundamental, produto de uma atividade verbal humana, que possui sempre caráter social, está caracterizado por seu campo semântico e comunicativo, assim por sua coerência profunda e superficial, devida à intenção (comunicativa) do falante criar um texto íntegro, e à sua estruturação mediante os conjuntos de regras: as próprias de nível textual e as do sistema da língua. (BERNARDEZ, 1982)

O ato de elaboração do texto escrito é, assim, a integração de estratégias de produção de texto com estratégias de recepção de texto, unindo e efetivando a relação estreita entre leitura e escrita num processo simultâneo. Um indivíduo escritor passa a



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIMES
UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

ser mais ou menos eficiente, dependendo de sua capacidade ou da possibilidade de ativar (ou não) as diversas estratégias cognitivas e metacognitivas de processamento da escrita e da leitura.

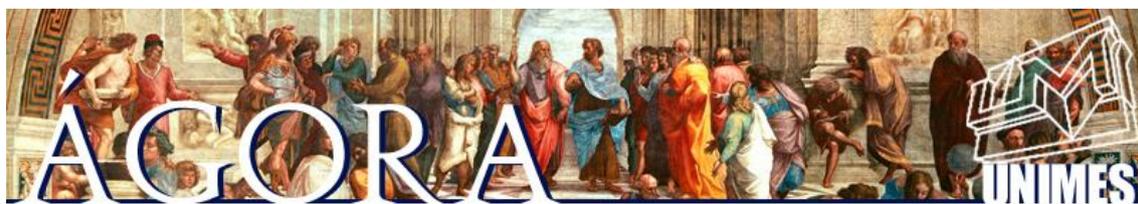
Adentrando nesse domínio, ao caracterizar estratégias de leitura e, por proximidade operacional, aspectos referentes às estratégias de escrita, nos deparamos com a realização de que o ato de escrever permite ser acomodado como um processo interativo e sincronizado em que, invariavelmente, escritor e leitor se fundem em um mesmo (e único) ato cognitivo.

O texto se compõe como um instrumento psicossocial de mediação entre as duas realidades que representam: o texto escrito é o lugar de uma transação de mensagens e, como toda transação, é necessário que cada um, por sua vez, possa intervir. (SAUTCHUK, 2003)

A maior preocupação ao se abordar o processo da produção escrita, portanto, ainda é a de ressaltar como se configura a expressão linguístico-textual dos conteúdos proposicionais de quem escreve, pois é na estrutura aparente do texto escrito que estão as instruções para que o leitor externo processe os sentidos.

Recordamos que o contexto mais imediato de um escrito é algo significativamente dinâmico, uma vez que pressupõe a existência de um contexto psíquico dupla e diferentemente atuante no processo comunicativo: no sujeito escritor (ativo), apresenta-se sob a forma de um repositório de todos os fatores necessários ao processamento semântico e linguístico do texto; já ao sujeito leitor (externo), para que haja a eficiência comunicativa, fundamental que este recomponha e assente as marcas dessa dupla ação, observando o escrito como um produto total, de tal maneira que o comportamento do escritor na superfície textual possa lhe garantir a autossuficiência contextual e co-textual necessária para a recomposição da comunicação pretendida.

Conforme já considerado, se o autor é bipartido em duas figuras atuantes no processo – o escritor ativo e o leitor interno, a efetividade comunicativa dependerá da harmonização desse duplo processamento contextual. Logo, observações mais demoradas em torno desse movimento de leitura levam nossas reflexões às camadas que constituem a leitura microestrutural e a leitura macroestrutural.



Sobre a macroestrutura na leitura, Inez Sautchuk (2003) pondera que,

No movimento descendente, predomina uma atitude analítica e dedutiva do leitor, pois ele parte de sua visão de mundo, um conhecimento global organizado em modelos cognitivos, por meio dos quais o texto vai “fazendo” sentido.

Esse tipo de participação do leitor externo chega a ser considerado um movimento automático de processamento da informação; ao mesmo tempo, é o que nos licencia a corroborar a tese de que a leitura é um jogo psicolinguístico, visto que enfatiza o uso da hipótese e da antecipação, em que a informação é reorganizada a partir de inferências autorizadas, sendo, nesse caso, o resultado orquestrado de conhecimentos prévios ativados na memória de longo prazo (MLP).

Por outro lado, também em face peculiar, a leitura microestrutural abrange

(...) um movimento ascendente de leitura que se caracteriza por uma atitude predominantemente indutiva, de síntese, já que prevê a construção, por parte do leitor externo, de “unidades hierarquicamente mais altas ou maiores, a partir de unidades mais baixas ou menores” (Kato, 2002). Esse tipo de processo, de natureza linguística, pode ser realizado em qualquer nível em que esteja construído o texto, desde que trabalhe com unidades formalmente significativas – a compreensão é condição básica para que qualquer ato de leitura se efetive. (SAUTCHUK, 2003)

Assim, esse tipo de leitura pressupõe o processamento do texto por meio de seus constituintes imediatos; aqui, se dá, então, a mobilização de competências que se situam na memória de curto prazo (MCP), prevalecendo o exercício de projeção e expansão de sentido. Desse modo, para que seja proporcionado e promovido determinado sentido a um fragmento, é tarefa, sobretudo, do autor (ativo, bem como seu leitor interno), cadenciar as possíveis atribuições significativas desse movimento reversível de alimentação das ideias.

Nesse universo de estratégias, as posturas no tocante à leitura, consentem reconhecer diferentes leitores externos, mais ou menos proficientes, diante de textos que oferecem também diferentes graus de complexidade e de previsibilidade. Quanto mais



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

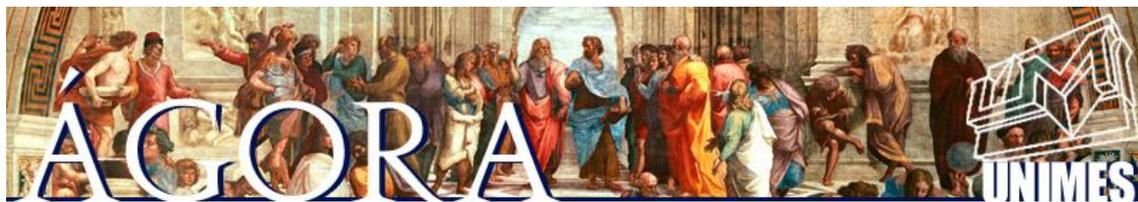
previsível o conteúdo do texto, menos esforço mental e tempo se requerem para o processamento de leitura.

Um “mau” texto escrito, nessas condições, refere-se ao resultado de um desequilíbrio que pode acontecer na fase de intenção comunicativa (num pré-processamento, portanto) ou na fase de realização do intraprocesso expressivo, envolvendo a atuação do escritor ativo e o seu leitor interno. É, pois, o escritor deficiente quem mais nos preocupa. O que interfere na qualidade de uma produção escrita é a maneira adequada – ou não – como se dá, na prática, a ação, “o aprender a conhecer e o aprender a fazer” (Jacques Delors) do autor e, em igual medida, o discernimento que este detém quanto à importância que há na interação natural das figuras do escritor ativo e leitor interno; é o modo como se comportam essas figuras na fase de efetivação do objetivo comunicativo que irá nos dizer sobre a eficiência da escrita.

Quando o processamento é concretizado pelo leitor externo, o texto fica aberto e podem ocorrer muitas combinações possíveis em se tratando de leituras. Diferentemente disso, porém, ao leitor interno, impõe-se optar pela orientação de construção do sentido textual de forma coesiva e coerente; este está ancorado na co-responsabilidade da elaboração escrita.

Por outro lado – e finalmente – também não podemos esquecer que, independentemente de existirem ou não imperfeições de superfície, um texto pode não revelar a intenção comunicativa inicial do indivíduo-escritor por causas de ordem extralinguística ou pragmática, centradas no próprio indivíduo leitor (externo). Seria o caso, por exemplo, de um conhecimento prévio não suficiente ou não ativado, da incapacidade de inferir a própria intenção do autor do texto, de desconhecimento lexical ou textual, dentre outras possibilidades.

Antes, todavia, nunca demais prevenir: necessário, contudo, o planejamento textual, uma distribuição metódica e compreensível das ideias, impondo-se a visualização de um objeto definido. A esse propósito, aliás, Camara Jr. não nos exime: “Ninguém é capaz de escrever bem se não sabe bem o que vai escrever”.



FECHANDO O PARÊNTESE EM TORNO DO AUTOR

Não restam dúvidas de que é isto a leitura: reescrever o texto da obra dentro do texto de nossas vidas. (BARTHES, 1980)

A informação semântica contida no texto distribui-se, como sabemos, em (pelo menos) dois grandes blocos: a informação dada e a informação nova, cujas disposições e dosagens interferem na construção do sentido.

A primeira – aquela que se encontra no horizonte de consciência do autor ativo/leitor interno e também do leitor externo – estabelece pontos de ancoragem (da memória) para o aporte da informação nova, provendo o texto de cadeias significativas que contribuem para a eficiência comunicativa – seja ela leitora e escrita; em grande parte, é via inferências que se pode (re)construir os sentidos implícitos a um texto.

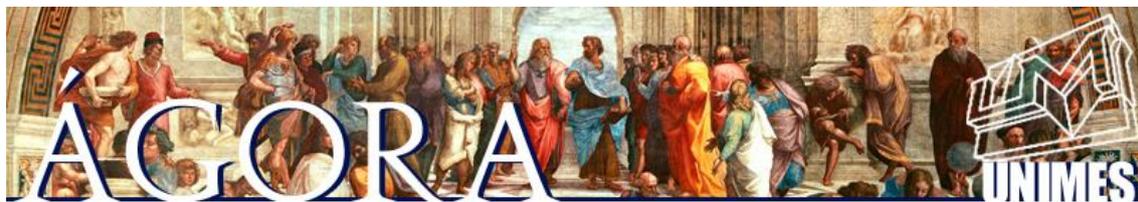
Sob o mesmo liame, com esteio na informação dada, opera-se a evolução textual, mediante a introdução de informações novas, ao mesmo tempo em que são estabelecidas relações de sentido entre autor ativo, leitor interno e leitor externo.

Para o processamento textual, contribuem três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional.

O conhecimento linguístico encerra o conhecimento gramatical e o lexical, sendo o responsável pela articulação do sentido; é ele o responsável pela organização do material linguístico na superfície textual.

O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo; é com base em seus modelos que se produzem as inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual.

Já o conhecimento sócio interacional é o conhecimento sobre as formas de *inter-ação* pela linguagem; trata-se, pois, dos vários tipos de ações linguísticas que permitem ao autor assegurar a compreensão do texto e conseguir do leitor (externo) sua anuência.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

As estratégias de processamento do texto (em termos de leitura e de escrita) implicam, portanto, a mobilização imediata e simultânea de cada um desses sistemas de conhecimento. A análise estratégica de organização textual depende não somente de características inerentemente textuais, mas também de características dos usuários da língua, dentre elas, suas subjetividades, suas convicções e seu conhecimento de mundo. Dessa forma, as estratégias cognitivas consistirão, antes, em estratégias de uso do conhecimento. E esse uso, em cada situação, depende de muitos diferentes fatores que autorizam reconstruir – no ato da leitura – não somente o sentido intencionado pelo autor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou mesmo não desejados pelo produtor.

Para fechar, neste amplo cenário da comunicação, ao adentrar nos meandros da expressão (das manifestações leitoras e escritoras), as percepções aqui reunidas, não apenas suscitadas no exercício do magistério, mas, acima de tudo, pelo sentimento de busca da eficiência na própria prática de usuária da língua, me levam a concordar com olhares em torno de um autor imbuído da organização das ideias enquanto intervenção minuciosa a ser, paulatinamente, executada.

De fato, não existe fórmula mágica, porém, ter em conta mais demoradamente o foco privilegiado do autor quando da articulação textual é algo que, sem dúvida, promoverá o sucesso da escrita.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, G. et al. Coherence textuelle et didatique des langues. **Langues et linguistique**. Université Laval: Québec, n. 18, 1992.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BARTHES, R. **S/Z**. Trad. Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, 1980.

BERNÁRDEZ, Enrique. **Introducción a la lingüística del texto**. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 2002, v. 02.

DELORS, Jacques. **Educação – um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2012.

FONSECA, Fernanda Irene. **Pedagogia da escrita – Perspectivas**. Porto: Porto Editora, 1997.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. São Paulo: FGV Editora, 2010.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor – aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2005.

KOCK, Stephen. **Oficina de Escritores**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2015.

_____ e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 2011.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF)**. Disponível em: <<http://www.ipm.org.br/pt-br/programas/inaf/relatoriosinafbrasil>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Programme for International Student Assessment (PISA)**. Disponível em: <<http://www.oecd.org/pisa/>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

PAULINO, Graça et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento incluyente, sustentável sustentado**. São Paulo: Garamond, 2004.



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

SAUTCHUK, Inez. **A produção dialógica do texto escrito**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

UNESCO. **Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2015**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Paula Renata Bertho

Possui graduação e mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente na Educação Superior, ministrando aulas de Comunicação e de Língua Portuguesa, bem como de Língua Estrangeira (Espanhol), para graduações em Administração, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia de Produção, Letras, Tradutor. Atuação como Coordenadora de Curso de graduação e como Coordenadora de CPA. Atuação, também, em escolas da rede estadual paulista, nos sistemas de ensino Anglo, Objetivo e Etapa, além do SENAI, unidade de Pompeia/SP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística Textual, atuando sob os seguintes temas: ensino da língua portuguesa, comunicação escrita e expressividade, leitura e produção textual; semântica e estilística. Atua também no mercado editorial na organização de originais e revisões de livros.

Artigo recebido em 04/08/2014

Aceito para publicação em 12/11/2015

Para citar este trabalho:

BERTHO, Paula Renata; DIÁLOGOS SUBLIMINARES DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO/PRODUÇÃO DO SENTIDO TEXTUAL: PROFICIÊNCIA EM LEITURA E EFICIÊNCIA NA ESCRITA, O AUTOR EM EVIDÊNCIA. Revista Ágora. Unimes Virtual. Vol.1.Número 1 – DEZ.2015 – Disponível em:

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=formacao&page=index>